



Para Maria, companheira de tantas viagens.

RICARDO AZEVEDO

No meio
da noite escura
tem um pé
de maravilha!



- Prêmio Jabuti – 2º lugar na categoria Infantil, 2003.
- Altamente Recomendável – Categoria Reconto, FNLIJ, 2003.

No meio da noite escura tem um pé de maravilha!

© Ricardo Azevedo, 2001

Diretor editorial	<i>Fernando Paixão</i>
Editora	<i>Claudia Morales</i>
Editora assistente	<i>Elza Mendes</i>
Coordenadora de revisão	<i>Ivany Picasso Batista</i>
Revisora	<i>Camila Zanon</i>

<i>Arte</i>	
Desenhos e projeto gráfico	<i>Ricardo Azevedo</i>
Editora	<i>Suzana Laub</i>
Editor assistente	<i>Antonio Paulos</i>
Editoração eletrônica	<i>Maria Azevedo</i>
Editoração eletrônica de imagens	<i>Cesar Wolf</i>

Tendo em vista a existência de homônimos, inclusive escrevendo livros, informamos que o nome completo do autor desta obra é Ricardo José Duff Azevedo e que ele é paulistano, nasceu em 1949, é escritor e desenhista. Não pratica esportes radicais, não é empresário, nem sociólogo, nem muito menos filiado a partidos políticos. Site: www.ricardoazevedo.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A988n

Azevedo, Ricardo, 1949-
No meio da noite escura tem um pé de maravilha! / [texto e
ilustrações] Ricardo Azevedo. - 1.ed. - São Paulo : Ática, 2002
120p. : il.

ISBN 978-85-08-08190-5

1. Conto folclórico - Literatura infantojuvenil. 2. Literatura
infantojuvenil brasileira. I. Título

09-5848. CDD 028.5
CDU 0875

ISBN 978 85 08 08190-5

CL: 731838

CAE: 218624

2017

1ª edição

19ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 2002

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

www.aticascipione.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário



- Moço bonito imundo 7
- A mulher dourada e o menino careca 17
- O príncipe encantado no reino da escuridão 29
- Coco Verde e Melancia 41
- A mulher do viajante 55
- Os onze cisnes da princesa 69
- O filho do ferreiro e a moça invisível 81
- Dona Boa-Sorte mais dona Riqueza 91
- As três noites do papagaio 99
- O filho mudo do fazendeiro 109
- Entrevista para um papagaio* 118





Moço bonito imundo

Era uma vez um homem muito pobre. Vivia com a mulher e o filho num casebre na beira da estrada. Seu filho era um moço forte e bonito.

O homem já tinha idade. Um dia, trabalhando na terra, sentiu-se mal, foi para a cama e morreu. Pouco tempo depois, sua mulher morreu também.

Sozinho no mundo, sem família, sem dinheiro, sem trabalho, o moço achou que o único jeito era largar tudo e sair por aí.

— Vou deixar minha sorte nas mãos do destino — disse ele, pegando a estrada, com uma sacola pendurada nas costas.

E lá foi ele sem rota nem rumo. Andou e desandou por caminhos e descaminhos. Subiu e desceu montanhas. Atravessou e desatravessou florestas escuras.

Uma tarde, estava descansando deitado debaixo de uma árvore. Uma figura surgiu só Deus sabe de onde. O moço tomou um susto. A figura era um homem alto e pálido, vestindo roupa preta.

O moço quase fugiu. Catou, no chão, um pedaço de pau grosso. O tal sujeito tinha pés de bode!

— Não precisa ter medo — disse o recém-chegado. — Conheço bem sua história. Sei que perdeu os pais e agora anda sozinho pelo mundo tentando se arranjar na vida.

O vento assobiava assustado. Trovoadas tamborilavam inesperadas no céu azul.

— Posso ajudar você — completou o homem com voz macia. E abriu um sorriso amarelado.

Diante daqueles dentes arreganhados, o jovem teve certeza. Estava diante do diabo. Estava falando com o próprio Satanás!

— Mas tem uma coisa — disse o Tinhoso. — Antes você vai ter que provar que é corajoso de verdade.

O jovem era peitudo:

— Pode ter certeza de que sou sim!

O Coisa-Ruim caiu na gargalhada e, num gesto mágico e ameaçador, fez surgir, do nada, um monstro imenso e peludo.

Os olhos do bicho chispavam. Soltando fumaça pelo nariz, o monstrengo rosnou e veio para cima do moço.

Os dois rolaram no chão numa luta de vida ou morte. Num golpe de sorte, o rapaz conseguiu virar o corpo de lado, pegar areia no chão e, rápido, atirar nos olhos do bicho. Durante um instante, o monstro se atrapalhou. Foi o tempo suficiente para o moço pegar o pedaço de pau e acertar uma pancada tão forte que a testa do monstrengo rachou no meio.

O Capeta coçou o nariz impressionado.

— Tenho uma proposta a fazer — disse ele em voz baixa.

Chegou mais perto. Garantiu que podia deixar o moço rico. Garantiu que podia encher o moço de felicidade. Mas tinha uma condição: durante sete anos o rapaz não poderia tomar banho, nem cortar os cabelos, nem a barba e as unhas, nem se pentear e nem trocar de roupa.

O moço não entendeu.

O Cão arrancou a pele do monstro e fez uma espécie de roupa.

— Durante sete anos você vai ter que andar enrolado nessa capa.

E concluiu:

— Se durante esse período de tempo você não aguentar viver desse jeito, sua alma será minha. Em compensação, rosnou o Satã, se conseguir sobreviver, se conseguir ficar sete anos sem se cuidar, enrolado nessa pele, você será livre e muito rico.

O moço ficou confuso. Era jovem, era forte, era bonito. Andar durante sete anos enrolado numa pele peluda de monstro sem poder tomar banho nem nada?

O Arrenegado prometeu:

— Agora vem a coisa boa: se aceitar o trato, a partir de agora, toda vez que precisar de dinheiro, é só enfiar a mão no bolso. Seu bolso vai ter dinheiro sempre. O quanto você quiser!

O moço olhou o Não-Sei-Que-Diga no olho.

— Se topar o desafio — continuou o outro —, você vai andar feio, repulsivo e imundo, mas sempre e sempre terá dinheiro para fazer o que desejar.

O moço parou para pensar. Estava solto na vida. Não tinha nada a perder. É verdade que seria ruim andar estrepado, molambento e malcheiroso durante tanto tempo. Por outro lado, disse ele para ele mesmo, por dentro, debaixo da pele do monstro, debaixo da sujeira e das unhas encardidas, ele seria sempre ele mesmo. Era o que importava. O resto era só aparência sem serventia.

Respirou fundo.

— Eu topo!

O Pé de Bode soltou uma gargalhada e virou fumaça, deixando o ar envenenado de mistério, medo e maldade.

A partir daquele dia, o moço bonito passou a levar uma vida estranha.

Tinha dinheiro para fazer o que quisesse. Mas com aquela roupa? Com aquele jeito? O pior é que quanto mais o tempo passava, pior a aparência do moço ia ficando.

Nos primeiros meses, ainda deu para enganar. Era jovem, bonito e tinha sempre dinheiro. Depois, sua vida foi como que se desfazendo, se desmanchando numa espécie de lixo que era uma pessoa.

O rapaz virou uma figura horrível, barbuda, unhuda e cabeluda, sempre cheirando mal, sempre enrolado naquela pele de bicho que ninguém conhecia.

As pessoas tinham medo. Pensavam que ele era algum mendigo enlouquecido.

As crianças fugiam achando que ele podia ser perigoso.

Até os animais evitavam se aproximar daquela figura medonha.

Mesmo com dinheiro na mão para gastar à vontade, o moço passava por dificuldades.

Os comerciantes, por exemplo, não queriam saber dele dentro de suas lojas.

As hospedarias também não.

Sendo assim, o moço bonito imundo foi se isolando, foi se afastando, foi ficando cada vez mais sozinho na vida.

Como não tinha ninguém para conversar ou trocar ideias, ia conversando ele com ele mesmo e isso até era bom. Ficava horas e horas pensando. Acabou lembrando coisas da infância que tinha esquecido completamente. Pensou muito em seu pai e sua mãe e na vida que eles levavam. Pensou nos amigos. Pensou também nele mesmo, em sua existência, nas moças que tinha amado, nas coisas que gostava de fazer e no pacto com o Maligno. Pouco a pouco foi até se conhecendo um pouco melhor.

Os anos passavam vagarosos.

Um dia, cansado de ficar sozinho no mato, o moço bonito imundo decidiu que queria dormir melhor e comer comida boa.

Encontrou uma hospedaria no caminho, bateu na porta e entrou.

Ao dar com aquela figura medonha, cabeluda e malcheirosa, o dono do estabelecimento ficou assustado. Ameaçou chamar a polícia. Só mudou de ideia quando viu cem moedas de ouro em cima da mesa.

Mesmo com os olhos brilhantes por causa do dinheiro, o dono do hotel disse que o moço podia ficar mas só se fosse num quarto dos fundos. Comida, só no próprio quarto.

— Não quero que fique passeando por aí — disse o homem juntando rapidamente as moedas com cara de nojo. — Os outros hóspedes vão querer ir embora!

O moço baixou a cabeça. Pelo menos ficaria num quarto limpo. Pelo menos teria comida quente. Pelo menos teria gente por perto. Era melhor do que nada.

Subiu as escadas, entrou no quarto, trancou a porta e deitou-se na cama.

Mais tarde, depois do jantar, escutou alguém chorando. Era um choro escondido, disfarçado, engasgado de vergonha. Era choro de homem.

— O que é que eu faço agora? O que é que eu faço? — dizia uma voz gemendo baixinho.

O moço sentiu pena. A voz vinha do quarto ao lado. Resolveu ir até lá. Bateu na porta.

Quando deu com aquela figura medonha parada no corredor, o hóspede que chorava levou um susto, correu para o fundo do quarto e pegou uma arma.

O moço bonito imundo pediu a ele que se acalmasse. Desculpou-se pelo seu estado. Explicou que apesar de estar assim era pessoa de bem. Pediu para não ter medo. Perguntou o que afinal estava acontecendo. Talvez pudesse ajudar.

— Sou um desgraçado — disse o homem sentando-se na cama. — Entrei em maus negócios. Fiz besteira. Acabei perdendo tudo.

Agora, para pagar minhas dívidas, vou ter de vender minha casa. Ela é meu último bem.

O homem cobriu o rosto com as mãos.

— E minha mulher? E minhas três filhas? O que é que eu faço agora? Tenho vergonha de voltar para casa e dar a notícia a elas.

O homem soluçava.

— Vamos ficar sem ter onde morar, nem o que comer. Como vai ser nossa vida? Não tenho coragem de entrar em casa, chamar a família e contar a verdade! O que é que eu faço, meu Deus, o que é que eu faço?

A figura medonha e estranha enfiou a mão no bolso e jogou em cima da cama um monte de moedas de ouro.

— Isso é suficiente ou precisa mais?

Os olhos do negociante não acreditaram.

— Mas...

E o moço atirou outro punhado de moedas.

— Eu tenho muito — disse ele. — Dou de presente. Pode pegar à vontade. É tudo seu.

Mesmo assustado, mesmo com medo e nojo, o homem atravessou o quarto e abraçou o moço. Depois, agradeceu de joelhos. Disse que aquilo era sua salvação. Disse que era sua chance para recomeçar a vida. Chorou de novo. Segurou o braço do imundo. Fazia questão de levá-lo até em casa para conhecer sua família. Tinha três filhas. Ofereceu uma delas em casamento.

— Graças a você minha vida não foi destruída!

O moço aceitou. Não pelas filhas mas pela chance de estar perto de pessoas, de conversar um pouco, de estar junto com alguém.

O homem e o moço bonito imundo saíram da hospedaria. Antes de mais nada, o negociante foi até o centro da cidade e pagou suas dívidas. Depois, foram para a sua casa.